

YOUNG, F. *A History of Exorcism in Catholic Christianity*. Cambridge: Palgrave Macmillan, 2016.

Willian Perpétuo Busch¹

A History of Exorcism in Catholic Christianity, de Francis Young, foi publicado pela Palgrave Macmillan em 2016, sendo parte da série *Palgrave Historical Studies in Witchcraft and Magic*. O historiador inglês se propôs a realizar uma extensa análise da história do exorcismo no Cristianismo, com foco no pensamento teológico católico. Dividida em nove capítulos, a obra partiu duma discussão geral sobre o conceito de exorcismo nos debates contemporâneos para ceder espaço a uma análise histórica que mobiliza três categorias analíticas: I) na interface entre teologia e saúde mental; II) experiências sacerdotais; III) representações oficiais e populares.

O segundo capítulo, *Exorcism in the Early Christian West, 300 – 900*, foi estruturado para elucidar a compreensão da Antiguidade Tardia e do começo do Medievo sobre o exorcismo. A demonologia teve em sua origem a disputa entre pagãos e cristãos, de modo que os deuses eram categorizados como malignos. Young demonstrou como o exorcismo foi ajustado pela liturgia após a ascensão e consolidação da sua hegemonia. No terceiro capítulo, *Exorcism in Crisis: The Middle Ages, 900 – 1500*, foi considerado o modo pelo qual o exorcismo assistiu a um período de decadência, principalmente a partir das duas evidências: a liturgia e a hagiografia. Todavia, no século XV, o exorcismo passou a ser utilizado contra as bruxas, algo atestado pelo *Formicarius* (1436 – 1438) de Johannes Nider (1380 – 1438).

No quarto capítulo, *Exorcism in Counter-Reformation Europe*, Young problematizou como a ideia do pacto entre homem e uma entidade maligna assumiu caráter público. Na perspectiva protestante não se tratava de questionar a existência dos demônios, mas sim a recusa na autoridade católica em afastá-los. A Contra-Reforma respondeu com duas atitudes distintas, ora tornando o processo dramático e santificando as suas vítimas, ora acusando-as de bruxaria. Independentemente de ter sido causada por um pecado, Young sustentou que a questão era a ação diabólica a partir da bruxaria.

¹ Doutorando em História (PPGHIS-UFPR), mestre em História (UFPR), mestre em Antropologia (UFPR), bacharel e licenciado em Filosofia (UFPR). Email: busch.wpb@gmail.com

Catholic Exorcism Beyond Catholic Europe, o quinto capítulo, partiu de duas funções diferentes do exorcismo na Contra-Reforma. A primeira, centrada no clero no Novo Mundo, era atravessada pela imposição do Cristianismo e da política colonial, de modo que a acusação de bruxaria seria utilizada para criminalizar lideranças nativas locais. A segunda, exemplificada pelas experiências na China, situava o exorcismo como uma demonstração de forças, garantindo a supremacia a partir da eficácia de tal prática quando comparada com alternativas locais, como Daoístas ou Budistas, por exemplo.

O sexto capítulo, *Exorcism in the Age of Reason*, abordou como a ramificação nacional religiosa adquiriu tonalidades distintas, de maneira que o exorcismo no mundo espanhol, inscrito num pensamento Neotomista conservador teve uma dinâmica diferente quando comparado ao cenário inglês, mais propenso às propostas iluministas e antagonista à autoridade papal. A oscilação entre essas noções resultou na supressão oficial de todos os manuais sobre exorcismo e a instauração do *Rituale Romane* como o único texto legítimo. O sétimo capítulo, *Exorcism in an Age of Doubt: The Nineteenth and Twentieth Centuries*, abordou como o exorcismo perdeu a sua prioridade, principalmente por conta da queda do Estado Papal em 1870 e a transformação de Roma numa república. O retorno do interesse pelo exorcismo adveio, para Young, a partir da conexão do clero com temas científicos emergentes do século XX, que se dum lado frutificavam uma perspectiva cética, doutro mobilizaram uma nova constelação de possibilidades. O ponto de inflexão foi o papa Leão XIII (1810 – 1903) que em 1886 propôs a oração opcional intitulada *Exorcismus in satanam et angelos apostaticos*, adicionada ao *Rituale* em 1890. Dessa forma, quando o código canônico do *Rituale Romanum* foi anunciado em 1917, pautou pela restrição do ato de exorcismo. Se dum lado a ascensão da psicologia e da psiquiatria colocavam em cena o problema da distinção entre possessão demoníaca e a patologia mental, doutro ocorria uma explosão nos escritos ocultistas, e depois da Parapsicologia.

No oitavo capítulo, *The Return of Exorcism*, Young tratou da ascensão de Gabriele Amorth (1925 – 2016) no contexto posterior ao Concílio do Vaticano II. Dum lado, havia uma corrente liberal que pautava pelo abandono do exorcismo, impulsionado pelas posturas modernistas. Doutro, a oposição à existência do Concílio era modulada pela proposta dum retorno ao catolicismo antigo. A terceira proposta, caracterizada por Young como carismática,

inseriu o exorcismo como um dom na pregação. O caso de Anneliese Michel (1952 – 1976), bem como o filme de William Blatty em 1971, despertaram uma nova onda de interesse no assunto, que na década seguinte ganharia um tom conspiratório nos Estados Unidos. Os efeitos do Vaticano II foram anunciados em 1998/1999 com a publicação de *De Exorcismis et Supplicationibus Quibusdam*, primeiro texto desde o rito de 1614.

Longe de recair numa visão generalista e engessada sobre o exorcismo, a obra de Young revelou os contrastes históricos, discursivos e práticos. Apoiado por uma impressionante documentação, o historiador demonstrou que as visões sobre o exorcismo dependia da articulação entre as percepções teológicas e filosóficas, bem como os embates políticos. Apesar de o foco ser na Europa, ao adentrar no processo colonial, o autor demarcou os caminhos que tais práticas viriam a tomar.

Convém ressaltar que o conceito de exorcismo de Young opera quase exclusivamente dentro das visões clericais e não instaura nenhum tipo de oposição com as visões populares, algo que foi tão bem explorado por Carlo Ginzburg (1991, 2011) e sequer citado pelo autor. Um elemento problemático na proposta de Young é a ausência da representação do demônio na literatura medieval. Se o autor tivesse dado espaço para essa temática, poderia ter abordado as narrativas de cavalaria e do Santo Graal (FRIES, 1994). Outro problema aparece quando o autor abordou os séculos XIX e XX e privou-se em considerar que o interesse contemporâneo sobre o exorcismo não advém apenas da Parapsicologia, mas da Antropologia, dado que autores como Sir James George Frazer (1911), Margaret Murray (1921), Émile Durkheim (1968), Marcel Mauss (2003) e Henri Hubert (2016), foram fundamentais nas investigações sobre magia e bruxaria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURKHEIM, E. **Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse. Le Système Totémique en Australie. Livre I. Questions préliminaires.** 5. ed. Paris: Les Presses universitaires de France, 1968.

FRAZER, J. G. **The Golden Bough - A Study in Magic and Religion. Part I The Magic Art and the Evolution of Kings.** London: MacMillan & Company, 1911. v. 1

FRIES, M. *The Lady to The Tramp: The Decline of Morgan le Fay in Medieval Romance.* **Arthuriana**, v. 4, n. 1, p. 1–18, 1994.

GINZBURG, C. **Ecstasies - Deciphering the Witches Sabbath**. New York: Pantheon Books, 1991.

GINZBURG, C. **The Night Battles: Witchcraft & Agrarian Cults in the Sixteenth & Seventeenth Centuries**. Tradução John Tedeschi; Anne Tedeschi. London and New York: Routledge, 2011.

HUBERT, H. **Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

MAUSS, M. Esboço de uma Teoria da Magia. In: **Sociol. e Antropol.** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 47–178.

MURRAY, M. A. **The Witch-Cult in Western Europe: A Study in Anthropology**. Oxford: Clarendon Press, 1921.

YOUNG, F. **A History of Exorcism in Catholic Christianity**. Cambridge: Palgrave Macmillan, 2016.